

O conflito no Oriente Médio e seu impacto no mercado mundial de fertilizantes: efeitos para as Américas

Análise de Muhammad Ibrahim, Diretor Geral do IICA (Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura).

Historicamente, os conflitos no Oriente Médio têm consequência que se estendem muito além da região. Seu impacto é analisado, frequentemente, em termos de segurança, energia ou estabilidade política, mas um dos efeitos mais significativos é observado nos mercados agrícolas mundiais, particularmente no mercado de fertilizantes.

Devido à forte interconexão entre a energia, o transporte marítimo e a produção química, qualquer tensão nessa parte do mundo pode causar perturbações significativas no suprimento e nos preços de insumos, que são fundamentais para a agricultura.

O gás natural é um componente essencial na produção de fertilizantes nitrogenados, especialmente amônia e ureia. O processo industrial mais utilizado para produzir a base da maioria dos fertilizantes nitrogenados – a amônia – consome grandes quantidades de gás natural. Em muitos casos, o gás representa entre 70% e 80% do custo total da produção. Portanto, quando uma crise provoca aumento nos preços do petróleo e gás, o custo de produção dos fertilizantes aumenta imediatamente, com consequências diretas no abastecimento global.

A esse fator energético se soma a importância de vários países do Oriente Médio como produtores e exportadores de fertilizantes e insumos químicos para sua fabricação. Os principais países do Golfo Pérsico contam com grandes complexos petroquímicos que produzem amônia, ureia e outros fertilizantes nitrogenados para o mercado internacional. O Irã é também um importante exportador de ureia.

Outro fator importante é o transporte marítimo. Uma grande parte do comércio mundial de fertilizantes passa por rotas

estratégicas que circundam as zonas de conflito, como o estreito de Ormuz, o Mar Vermelho ou o Canal de Suez, verdadeiros gargalos do comércio mundial.

Se a segurança marítima se deteriora, as seguradoras aumentam os custos de cobertura dos navios, os armadores modificam as rotas para evitar as zonas de alto risco e o tempo de transporte cresce, impactando nos custos logísticos.

Então, mesmo que a produção não seja suspensa, os custos de transporte impactam significativamente no preço final que será pago pelos agricultores dos diversos países.

As consequências destas alterações são sentidas rapidamente no setor agrícola: quando os preços dos fertilizantes sobem significativamente, os agricultores só podem responder reduzindo o seu uso ou refazendo as perspectivas de plantio.

Isto pode levar a menores rendimentos por hectare e, em alguns casos, à redução da superfície cultivada. No médio prazo, isto afeta a fertilidade do solo. Estas alterações podem dar lugar a uma menor produção mundial de grãos e outros produtos agrícolas, o que contribui para exercer pressão de alta sobre os preços internacionais dos alimentos e os preços para os consumidores.

O impacto é particularmente significativo na América Latina, uma região fundamental para a produção mundial de alimentos, mas que, paradoxalmente, depende, em grande medida, dos fertilizantes importados.

Por exemplo, o Brasil importa aproximadamente entre 80% e 85% dos fertilizantes utilizados em sua agricultura. Argentina também depende em grande medida das importações, que representam quase 60% do consumo. Em outros países da região, como Chile, Peru ou Colômbia, a dependência externa é ainda maior.

O Banco Mundial informou que os preços dos fertilizantes subiram 6,5% em fevereiro de 2026, em comparação com o mês anterior, em um mercado já tensionado pelas limitações de produção, os maiores custos da energia e as interrupções do comércio.

Ao mesmo tempo, a Agência Internacional de Energia advertiu sobre a extrema sensibilidade dos mercados de energia e logística ante qualquer interrupção no Golfo e ao longo de rotas marítimas estratégicas. Em outras palavras: o impacto poderá ser mais que um abalo passageiro.

Segundo dados compilados pelo IICA, aproximadamente 80% das explorações agrícolas da América Latina e Caribe são pequenas ou familiares. São milhares de unidades de produção que geram emprego, sustentam as comunidades rurais e abastecem uma parte significativa dos mercados internos.

Além disso, em vários países, estas explorações desempenham um papel insubstituível na produção de alimentos frescos e básicos. Quando os preços dos fertilizantes sobem demasiado, o impacto neste setor é imediato e severo.

“Por esta razão, o aumento dos custos dos fertilizantes pode ir além de uma má notícia para o setor agrícola e transformar-se em uma ameaça direta para a segurança alimentar, para a capacidade das famílias de permanecer nas zonas rurais e para a coesão social em vastos territórios rurais”.

A conclusão é clara: América Latina e Caribe necessitam de uma estratégia urgente para a gestão prudente dos fertilizantes.

Na situação atual, é necessário proteger a agricultura familiar e os pequenos e médios produtores; desenvolver uma política regional de abastecimento, com mecanismos compartilhados de compra, armazenamento e negociação; e fundamentalmente, desenvolver uma estratégia de médio prazo para reduzir a dependência dos fertilizantes importados e implementar políticas para o uso sustentável de biofertilizantes.

Isto requer mais produção local, diversificação das fontes, restaurar a capacidade industrial, melhorar a eficiência no uso de nutrientes e incorporar bioinsumos e agricultura de precisão quando possível. O IICA está colaborando com seus sócios no âmbito da ciência, tecnologia e inovação para utilizar ferramentas

biotecnológicas e um foco sistêmico com o objetivo de aumentar a eficiência dos sistemas agrícolas, aumentando sua produtividade e aportes nutricionais.

Os conflitos bélicos não ocorrem somente nas frentes militares. Também são sentidos no pão, nas verduras, no milho, no arroz e na carne. E atrás de tudo isso, silenciosamente, se encontram os fertilizantes. Se não atuarmos a tempo, o maior custo não será somente econômico. Será social, territorial e alimentar.

[Acesse aqui a matéria na íntegra](#)

Fonte: El Observador – Tradução livre: www.terraviva.com.br